

Fatos & Fotos

BRASÍLIA, 14 DE OUTUBRO DE 1967 — ANO VII —

NÚMERO 350 — MCR\$ 1,00

FESTIVAIS

**A GUERRA
DA MÚSICA
POPULAR**

296

CANDICE BERGEN — A mulher do momento

UMA NOVA REVISTA
DENTRO DE
FATOS & FOTOS

**CADERNOS DE
MEDICINA**



Abertura do III Festival da Música Popular Brasileira, no Teatro Record. Um desfile de personalidades: Gilberto Gil, Nana Caími, Roberto



Jair Rodrigues (à esquerda) não se classificou com O Combatente, ao contrário de Edu Lôbo e Maria Medaglia (à direita), que venceram



a primeira etapa com Ponteio.

Um festival em São Paulo e outro no Rio fazem o Brasil vibrar ao som de ritmos velhos e modernos

A GUERRA DA MÚSICA EM DUAS FRENTES

Reportagem de CARLOS ACUIO
Fotos de ARMANDO BERNARDES
e SERGIO JORGE

"A vaia é importante. O que seria do III Festival sem ela? Quisera Deus que o público vaiasse sempre, com muito ódio e amor. É sinal que ainda há vida no povo."

A declaração é de Gilberto Gil, que, com sua parceira Nana Caími, foi o grande vaiado da noite quente da Record que apontou as quatro primeiras finalistas do III Festival de Música Popular Brasileira. Mas Gil não foi o único intérprete visado pelo público. Roberto Carlos foi apupado por seus fãs por haver trocado o iê-iê pelo samba, mas se seus admiradores soubessem que ele subiu ao palco do teatro Paramount suando frio porque não sabia a letra de cor, a reação não teria sido tão hostil. Também houve aplausos: para Chico Buarque, Jair Rodrigues e Edu Lôbo, e as lágrimas de Demétrius, que, emocionado, acabou chorando no ombro de sua mãe nos bastidores. Depois, então, veio o silêncio quando as esperanças morreram e oito dos 12 primeiros semifinalistas ficaram de fora da grande noite do dia 28.

Ponteio, de Edu Lôbo e Capinã, interpretado por Edu e Maria Medaglia; *Roda Viva*, de Chico Buarque; *Maria, Carnaval e Cinzas*, de Luís Carlos Paraná, com Roberto Carlos; e *Bom Dia*, de Gil e Nana Caími, foram as vencedoras da primeira parte do festival, embora, segundo a opinião da maioria, apenas Edu tenha condições de conquistar a Viola de Ouro (um troféu do tamanho de um maço de cigarros concebido pelo joalheiro Rolf Simon) e os 25 milhões de cruzeiros velhos oferecidos ao autor da melhor canção au-

• segue



Roberto Carlos, sem iê-iê, foi ao palco sem saber a música de cor.



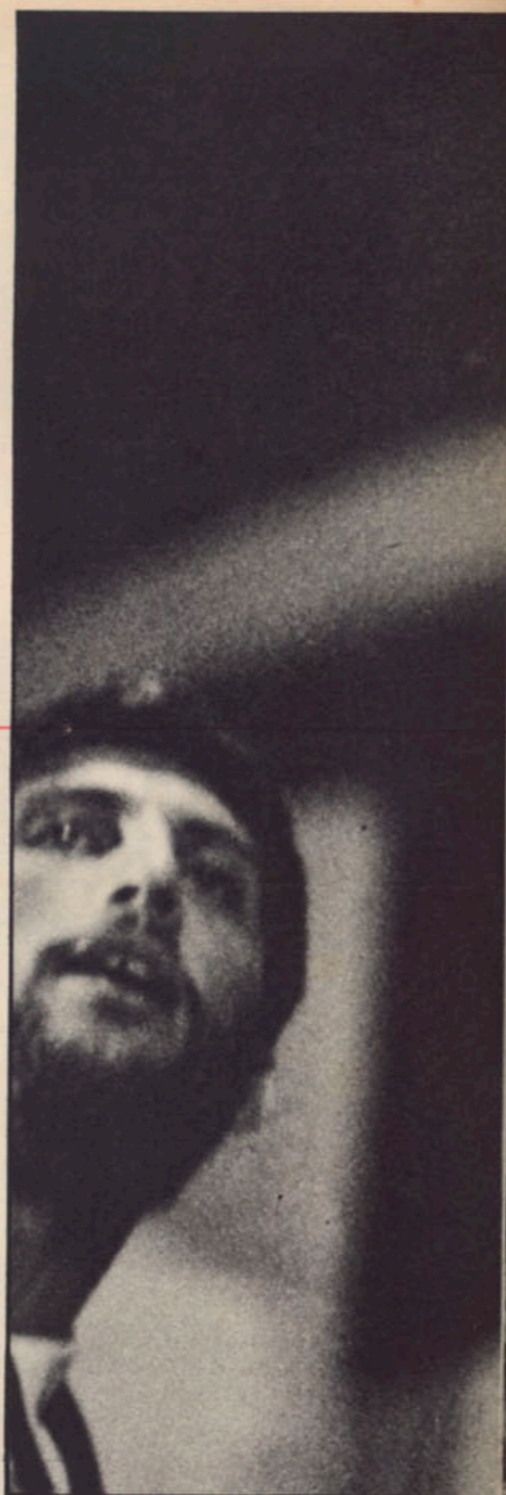
Edu Lôbo, Aguinaldo Rayol e Ronnie Von: tensão nos bastidores.

A guerra da música

“Se há guerra nos bastidores, dessa guerra quem sairá vencendo é mesmo a nossa música popular autêntica”



Simonal (à esquerda) cantou um baião, Milagre, tentou impressionar com uma roupa extravagante, mas foi reprovado. Nana Caími (centro)



Acompanhado do MPB-4, Chico



Buarque conseguiu passar pela primeira seleção com sua Roda Viva. Estêve bem, mas quase todos acham que a Banda era mais inspirada.



apresentou Bom-Dia, de Gilberto Gil, e teve mais sorte do que Claudete Soares (à direita), que não se classificou com Ela, Felicidade.

tênticamente brasileira. O *Bom Dia* de Gilberto Gil agradou mais ao júri do que ao público, que preferiu *O Combatente*, de Válder Santos e Teresa Santos, que, apesar de ter sido defendida por Jair Rodrigues, foi desclassificada sob o protesto da platéia. Válder Santos, derrotado, explicou com calma: "Já perdi quatro outros festivais. Isso de ser desclassificado está virando rotina."

A música popular brasileira vive seu apogeu entre dois festivais aparentemente rivais mas de grande importância promocional para cantores e compositores que surgem e para aqueles que já desfrutaram de renome junto ao público. Em São Paulo, o Festival da Record, em seu terceiro ano de sucesso; no Rio, os preparativos do II Festival Internacional da Canção, que será um prolongamento do primeiro e que, segundo o jornal *Variety* (a mais importante publicação dedicada ao *show-business*), "constitui o acontecimento mais importante do calendário musical de 1967". Mesmo centralizados em duas capitais, esses dois festivais representam tudo aquilo que de mais interessante está sendo feito e pesquisado em matéria de música popular em todo o Brasil. No Festival da Record, há poucos temas de protesto, várias marchas-rancho e até composições inspiradas em cantigas de roda. Para o próximo Festival Internacional da Canção, o samba terá grande destaque e os temas mais em evidência falam de saúde, perdão, flor, mar, despedida e amor.

Emoção e suspense na primeira noite

Ainda faltam três noites para se saber qual o vencedor do Festival da Record e a primeira delas foi um *trailer* expressivo do ambiente de emoção e suspense que promete caracterizar o resto do concurso. Chico Buarque, que ano passado dividiu o primeiro prêmio com Geraldo Vandré, chegou calmo, cantou calmo e encarou com calma o pessimismo de seus amigos, quase todos unânimes em afirmar que sua *Roda Viva* não tem nem a força da *Banda*, nem a beleza de *Quem Te Viu, Quem Te Vê*. Na véspera do início do festival, Roberto Carlos não havia decorado a letra de *Maria, Carnaval e Cinzas*. Na última hora, nervoso ao extremo, o compositor Luís Carlos Paraná escreveu a letra em grandes folhas de cartolina e ficou ajudando o cantor no *ponto* do palco.

Vandré quer bisar êxito de Disparada

Até agora, o coringa do festival é *Ponteio*, de Edu Lôbo, mas ainda faltam muitos concorrentes de primeira categoria. É voz corrente que, quando Geraldo Vandré subir ao

A guerra da música

O galo de ouro do festival no Rio não é de briga mas a coisa vai ser dura e disputada com tãda a garra

palco, o teatro vai explodir com a abertura de sua canção: "Meu senhor, minha senhora, vou falar com precisão, não me negue nesta hora, seu calor, sua atenção, pois a canção que trago agora fala de tãda a nação." Apostas estão sendo feitas. Muitos acreditam na *Festa no Terreiro de Alaketu*, que um baiano desconhecido, Antônio Carlos Marques, compôs especialmente para o festival. Outros fazem fé na história de *Beto, o Bom de Bola* — que "é homem e não chora por fim de glória" — de autoria de Sérgio Ricardo. Os que preferem confiar na classe dos artistas consagrados não sabem o que escolher entre o *Samba de Maria* (de Vinícius e Francis Hime, na voz de Jair Rodrigues), *Isso Não se Faz* (de Pixinguinha, com Elza Soares), *Alegria, Alegria* (de Caetano Veloso), *Domingo no Parque* (de Gilberto Gil) e *Belinha* (de Toquinho).

Se Vandré leva vantagem de seduzir o público com sua letra coloquial, Wilson Simonal também encontrou uma forma de despertar simpatias da platéia: êle prometeu aparecer trajado de guerrilheiro para cantar *A Balada do Vietnã* (de David Nasser) e, com isso, "sensibilizar a esquerda festiva". Em todo caso, o grande achado do festival parece ser *Brinquedo*, uma canção alegre de Alfredo Naffah Neto e Válder de Carvalho, em cuja letra "um pião dá voltas como a vida dá" e cujas frases musicais são tão simples que a cantora Claudete Soares não tem dúvidas quanto à participação ativa e imediata da

platéia. "Acho que todos irão cantar comigo e sairão cantando do teatro", afirmou depois de um ensaio.

"Se há guerra nos bastidores, dessa guerra quem sairá vencendo mesmo é a nossa música popular autêntica." O autor dessas palavras é Gilberto Gil, que disputa a Viola de Ouro no Festival da Record e está entre os favoritos do II Festival Internacional da Canção, cuja primeira parte é exclusivamente dedicada à música brasileira. E todos estão de acôrdo. A primeira prova do sucesso do festival carioca são os telegramas empilhados na mesa de seu organizador, o Sr. Augusto Marzagão. Muitos dos cantores e compositores presentes ao festival do ano passado pediram para voltar porque ficaram entusiasmados com a vibração da platéia no Maracanãzinho. Para êste ano, a Secretaria de Turismo da Guanabara anuncia a presença de Tony Curtis, Anouk Aimée, Henry Mancini, Robert Wagner, Quincy Jones e, talvez, Eddie Barclay, que enviou telegrama pedindo um convite.

O nível das músicas nacionais de 67 supera amplamente o do ano passado. Segundo o Sr. Augusto Marzagão, "pelo menos 20 delas serão sucesso nas paradas musicais e irão alterar os rumos da música popular brasileira. O vencedor da parte nacional e internacional pode estar certo de que seu nome ganhará projeção fora do país." Henry Mancini, que será o presidente do júri internacional, vai escolher 12 músicas nossas para

um elepê que fará, em janeiro, nos Estados Unidos. O diretor do Olympia de Paris, Bruno Coquatrix, também pensa em levar composições e cantores brasileiros para um *show* no seu teatro. A Eurovisão (cadeia de televisão europeia que atinge 300 milhões de telespectadores) fará um filme de uma hora sôbre a parte internacional do concurso. Isto prova que nenhum outro festival de música teve tanta cobertura.

A camaradagem que reina no Pagode

Depois das brigas e discussões provocadas pelo critério de seleção das músicas inscritas no II Festival Internacional da Canção, os ânimos serenaram. Entre os concorrentes, o ambiente é de franca camaradagem. Ninguém *picha* a música de um colega, nem destaca uma composição em detrimento de outra. Todos se uniram para evitar o favoritismo e a caititua-gem. Os novos não estão assustados nem se sentindo inferiorizados. Num encontro de quase todos os participantes no pavilhão do festival (que a turma chama de Pagode), Edu Lôbo, Pixinguinha, Capiba e outros veteranos em festivais conversaram cordialmente com os jovens que deixaram as suas cidades em busca do sucesso. Desde Antônio Fernando, garôto de 10 anos que defenderá uma canção de Eduardo Souto Neto, de 16, até o velho Pixinguinha, não havia discriminações, nem grupos isolados. O problema de muitos ainda é a escolha do cantor para defender a sua composição. Agostinho dos Santos procurava aflito o jovem compositor baiano Gutemberg Neri, que o convidara para interpretar sua música, mas ainda não lhe havia dado uma cópia da letra para ensaiar. De modo geral, os compositores estão dando preferência a cantores desconhecidos na esperança de que o público tenha um julgamento imparcial e até mesmo simpático. A novidade promete ser a tônica do festival, não sômente com a presença destacada de valôres jovens mas também de novos sons e novas bossas. *Caminhada* de Antônio Adolfo e Tibério, dois autores inéditos, é considerada uma revolução, fundindo o baião tradicional com a bossa-nova.

A tentação de um prêmio de milhões

"Quem recusa um galo de meio quilo de ouro, 25 mil cruzeiros novos e as glórias que terá o vencedor do festival? São prêmios que nem os *cobras* poderão esnobar", disse um compositor. E mesmo que o Sr. Augusto Marzagão afirme que êste galo não é de briga, a coisa vai ser disputada com tãda a garra quando chegar a hora de entrar em cena e enfrentar o júri.



Edu Lôbo e Gilberto Gil acertam os ponteiros. Eles agora vão esperar a última noite para ver quem ganha a cobiçada Viola de Ouro.



Para acalmar os nervos, Gilberto Gil assiste a uma exibição extrafestival de iê-iê. A música da jovem guarda não tem vez no Paramount.



Nelson Mota, Agostinho dos Santos e Edu, três forças no festival.



Gente môça, com vontade de vencer e com muito talento para mostrar, promete tomar conta do III Festival da Canção, a ser realizado no Rio.